

Liza Alberdi/ Lazos Institución Psicoanalítica de La Plata

Não é então nossa prática uma prática de Borda? “Desfazer pela palavra, aquilo que foi feito pela palavra”, legou-nos Lacan quase no final de sua obra como de sua vida.

Cabe-nos perguntarmos quais são as molas de nossa eficácia se a palavra aspira por estrutura a ignorar o impossível que a habita, tendendo a se esferizar em seu anseio de erradicar a hiância irreduzível entre as palavras e as coisas. Se não operarmos mais do que a partir do campo da palavra, como incidir sobre aquilo que a ela em seu próprio seio lhe ex-siste.

A psicanálise é uma experiência de discurso e de sua borda de impossibilidade que ela própria efetua. Palavra presa nas *dit-mensões* do dizer, RSI, que contorna fazendo borda de vazio, que contorna **produzindo furo**.

Falamos nodalmente, a palavra arrasta com ela sua sombra de silêncio. Lemos em uma entrevista a Pascal Quignard: “Para mim o silêncio não é unicamente um tema. Em criança, de uma maneira involuntária, fiquei encalhado no silêncio até afundar no mutismo. O silêncio definia aquele que a linguagem tinha deixado desamparado, seu resíduo. Quando a humanidade adquire a linguagem, ela traz uma sombra, que é o silêncio. Não há silêncio sem linguagem. E mais do que porta-voz, sintome “porta-silêncio””

É a voz alteridade radical da palavra, ensina-nos Lacan, e nos lembram dia a dia nossos analisantes, voz que é também silêncio.

Esse vazio não se atinge a não ser através da palavra em suas *dit-mensões*, ali onde a insistência encontra sua borda de corte naquilo que lhe ex-siste, traços silenciosos (mudos) que escrituraram um corpo no preço de sua fenda, cuja consistência permite mascarar a radical discórdia que o funda.

Os tropeços do saber, espaço do lapso que ao irremediável erro estrutural obedece, ali onde a língua se dissipa, denotarão a bufonaria que nela nidifica cedendo lugar à verdade, sempre meio-dita.

Embora saibamos que o desejo é indestrutível, não é por isso menos ameaçado quando as bordas desfalecem e o lugar topológico do furo tende ao colapso, será um-dizer verdadeiro, em sua dimensão de ato, o que efetuará um **esvaziamento que real-iza o furo**. Essa escavada escrita requer “que se diga”.

O saber resiste e irremediavelmente fracassa. O inconsciente, enxame caótico, irromperá na superfície do discurso, assim *lalangue* violentará a língua fazendo emergir o performativo de uma palavra que se recorta, ao se produzir no espaço analisante analista um-dizer.

O significante fará borda de corte, no instante onde a palavra desintegra a linguagem, relâmpago onde um real se toca pelo recorte de uma letra que litoraliza em-corpo. Eficácia do furo, em um ressoar assemântico que fará eco no corpo cavando sua oquidão.

François Cheng frisa que apenas “a linguagem movida pelo vazio, é capaz de gerar a palavra em que circula o fôlego e, portanto, só ele -esse “fôlego rítmico” - é capaz de transescrever o indizível”, de “criar vazio”, ali onde nos sabemos divididos, mal-entendidos, onde se produz uma evacuação de sentido, ao “rasurá-lo” (Lacan *Televisión*) tanto quanto for possível, dando lugar à invenção no próprio lugar do horror.

A interpretação é poiética, com seu efeito de sentido como experiência do **sem sentido** onde cavalga o significante e seu efeito de furo pelo **fora de sentido** próprio do real, onde o sentido se recusa por não poder a relação sexual se escrever. “A poesia é testemunho do alheio que se custodia nela”, podemos ler da letra de Byung-Chul Han.

Adverte-nos Lacan em RSI: “existe um efeito de sentido exigível ao discurso analítico; ele não é imaginário, não é simbólico, é preciso que ele seja real”. Real efeito de sentido então que roça um fragmento de real. Surgimento de uma verdade desemaranhada que surpreende produzindo desconcerto e comoção pela momentânea explosão do sentido. Instante de vacilação onde a cadeia se dispersa, cujos efeitos imprevisíveis obedecem a um-dizer perfurador, que situa o sujeito em relação com sua causa.

Assim, o recorte da letra, “as palavras em sua carne”, diz Lacan em Baltimore, circunscreve esse lugar vazio onde já não tem nada a decifrar. Passagem pela experiência da inexistência da palavra última, do irreduzível do gozo, experiência de castração, para saber-fazer beckettianamente desse resto nosso haver, vivificando esse resíduo de gozo inexorável, por não haver possibilidade alguma de sairmos dessa falha inaugural, da desarmonia de *lalíngua*, à que o sujeito respondeu com inibições, sintomas e angústia.

O Simbólico Imaginário tramam borda ao Real, impondo também ele o limite aos efeitos de sentido da língua, borda Real que lembra à maquinaria sua mesma impossibilidade, como limite lógico do simbólico por conta de a relação sexual não cessar de não se escrever.

É na dinâmica escrita do nó que seus termos se ligam e suas bordas **criam e recriam** o tríscele que o suporta, dali que o nó não seja metáfora, mas escrita.

O traçado dessas bordas, que em sua trajetória para o vazio contornam, dará eficácia ao furo. Trançar RSI com o quarto fio “solidariza este furo” (Lacan Sem XXIV, 18. janeiro 1977) a cada região do nó, **vacuolando** assim **aquilo que devia ser vazio** naquelas zonas onde as cordas se recobrem e nidificam os gozos que tendem a obturar o calço central, possibilitando essa operatória que pulsione o desejo e um inédito enodamento desse resto de real sempre opaco com o saber-fazer, ao serviço de um gozo ligado à vida, suportado no laço RSI.

Solidário da experiência de impossibilidade de recobrimento entre os registros, sendo que não copulam, mas se amarram... solidário desse resto da operação, material mesmo da invenção, **o furo se escreve e faz escrita**, sendo esperável e desejável que se viva a partir disso a eficácia do discurso da psicanálise no laço social. (O laço é questão de discurso)

A extimidade dos gozos que habitam em cada um atenta contra aquele laço que ameaça com sua fragmentação, já que o gozo desses outros, que não é mais do que o próprio a que remetem, conduzirão à segregação se houver uma rejeição e não a um enodamento do que resta de gozo inassimilável. Seguindo uma ideia de Rolando Karothy a análise é o caminho para bem-dizer o enigma que nos funda, um bem-dizer não todo, que albergue a alteridade

Por não haver laço social sem perda de gozo, como também não sem um enodamento diferente do gozo irreduzível, a passagem por uma análise é esperável que ela modifique o modo em que cada um vive a pulsão, de tal maneira que esse gozo impossível de se eliminar, não tendo o ser-falante outro jeito que habitar a linguagem, com o exílio que ela acarreta, senão reconhecendo-se estrangeiro de si mesmo, possa, por ter o quarto fio “solidarizado ao furo”, possibilitar um laço de discurso que ponha em funcionamento a falta nas cenas do mundo, por ser essa insoldável abertura que nos divide tanto a que nos segrega como a que nos irmana.

Liza Alberdi/ Lazos Institución Psicoanalítica de La Plata